

## **Dos Alpes Italianos a Serra do Mar (Parte 1)**

por Guy Sahri ©

Quando perguntei ao Sr. Lubes Lamarca Aldo Nicola Michele, mais conhecido como Sr. Aldo Lubes, para caracterizar sua vida através do Judô e do Karatê sobre o que ele gosta de transmitir, ele pensou por um momento... Este tipo de momento em que você aprecia silêncio. O silêncio de ouro. Em seguida, vem uma luz em seus olhos, um sorriso cheio de memórias, onde caminha o tempo. Este tempo precioso que é caro para a nossa humanidade. Ele tem uma história para contar. E essa é a sua história.

É o jovem que tem desejos de aposentadoria para aqueles que não tem mais de vinte anos, e que estabelece mudanças por sua inteligência. Os sonhadores de ouro (atletas de alto rendimento) despertam com outras cores (prata, bronze ou até mesmo nenhuma cor), mas se consolam rapidamente a frente da lamentação dos outros. Pequenas histórias individuais, passo a passo, escrevem o grande sucesso coletivo do Karatê e do Judô Mundial.

Nascido em 9 de maio de 1939 em Turim, capital da região do Piemonte, no norte da Itália. Aberto o Mundo, Aldo Lubes o descobre... De boa família, filho de Giuseppe Lubes e Rosa Lamarca, demasiado pequeno, não é consciente do enorme flagelo que se abateu sobre a Europa e o mundo, naquela época, fugindo das atrocidades da 2ª Guerra Mundial, ele foi sozinho em busca de um mundo melhor, do outro lado do Atlântico. Sem saber surge na estrada, um espírito de desafio, conquista e respeito...

Aldo Lubes é 8º Dan de Karatê e 4º Dan de Judô. Antigo Diretor Técnico Nacional da Confederação Brasileira de Karatê – CBK, também é Árbitro Internacional PKF/WKF. Seu compromisso com a educação se expressa em muitas posições que mantém como Doutor em Educação Física da Universidade Federal do Paraná e Presidente-fundador da Federação Paranaense de Karatê – FPRK no Brasil.

Aldo Lubes é considerado e respeitado como um dos melhores especialistas em Artes Marciais na área da educação. Cada uma das suas aparições é um convite para a viagem. Esta é uma oportunidade para a troca de teoria com os professores e educadores do mundo. Ele acredita que a transmissão das aquisições culturais é baseada no respeito e na fraternidade.

Como Jigoro Kano, o fundador do Judô, ele acredita no ensinamento de um homem que pode chegar a uma multidão de pessoas e da sabedoria de uma geração que pode desfrutar de uma centena de outros. Assim, no seu Karatê e Judô, luta e vitória só podem ser maneiras de servir a educação da pessoa. O progresso do homem e da sociedade estão no cerne de seu método.

Com clareza e sabedoria, ele conta-me um pouco da sua história incrível...

**Guy Sahri: O Senhor sente saudades da Itália, dos costumes, do povo?**

**Aldo Lubes:**

*(Sorrindo) Neste ano de 2008, exatamente em Janeiro, faz 50 anos que cheguei ao Brasil... Voltei à Itália para rever os meus familiares cinco vezes. Mais precisamente em 1972, 1982, 1984, 1990 e 1994 e sempre fiquei na casa da minha irmã, juntamente com a nossa mãe e meu irmão mais velho. Minha mãe e meu irmão já são falecidos, mas ainda tenho minha irmã que continua morando em Torino e alguns sobrinhos e tios. Mesmo depois de cinquenta anos sinto saudades da Itália, principalmente do lugar onde nasci dos meus parentes e principalmente da minha irmã, cujo nome é « Itália ». Quanto aos costumes italianos, eles são muito bons por causa das tradições de cada região. Tradições estas seculares, e o povo se comporta conforme suas tradições. Creio que deve ser assim também na*

*França e em qualquer outro lugar do mundo. Lembro de um ditado italiano que diz: « País que você vai, costumes que você encontra - Paese che vai, usanza che trovi », e a eles deve se adaptar e é o que fiz aqui no Brasil. Mas, a Itália está sempre em meu coração... Sempre!*

### **« Um navio chamado Andréa Costa... »**

**Guy Sahri: Como foi chegar ao Brasil depois da 2ª Guerra Mundial? Houveram muitas dificuldades?**

**Aldo Lubes:**

*Cheguei ao Brasil no fim de janeiro de 1958, em pleno verão, na cidade do Rio de Janeiro. Tinha embarcado em um navio chamado « Andréa Costa » que saiu do porto de Genova. Nesse período estava muito frio em Torino em decorrência das nevascas que haviam acontecido alguns dias antes. Lembro que era madrugada e fomos a pé até a estação para pegar o trem que me levaria para a cidade de Genova, quem me acompanhava era minha mãe, meu irmão e minha irmã. O nevoeiro era muito intenso e a visão não alcançava além de 4 ou 5 metros. Finalmente, chegamos na estação no horário. Quando chegamos em Genova, eu me encontrava muito tranquilo, afinal, tinham me dito que ficaria somente um ano no Brasil para ajudar o filho do marido da minha mãe. Aqui devo fazer um esclarecimento.*

*Meu pai faleceu em um bombardeio aéreo em 1940 quando eu tinha um ano de idade, deixando minha mãe viúva e com três filhos, Nicolino com 14 anos, Itália com 10 e eu com um ano de idade... Todo europeu que viveu durante o conflito da 2ª Guerra Mundial pode imaginar as dificuldades que minha mãe e meus irmãos passaram para sobreviver a guerra. Eu creio que não senti muito, pois era muito pequeno e eles faziam de tudo para que nada me faltasse. Além de que, não tinha nenhuma outra experiência de vida e achava que a guerra era o dia a dia do mundo. As dificuldades eram fatos normais e eu aceitava tudo de bom grado...*

*Em 1948 minha mãe casou-se com um primo dela, originário da mesma cidade dela, também viúvo e com três filhos. Foram aí que as coisas começaram a se complicar, pois a família aumentou e o meu padrasto achava que todos deveriam contribuir para ganhar o pão de cada dia. Assim, aos 10 anos de idade comecei a trabalhar como ajudante de qualquer coisa que aparecesse; oficinas mecânicas, carpintaria, bares, restaurantes, etc...*

### **« Uma Rua de Copacabana... »**

*Enquanto isso, os anos passaram, meu irmão casou, minha irmã também e assim as filhas do meu padrasto. O filho de meu padrasto tinha emigrado para o Brasil já fazia alguns anos, e juntamente com outro italiano, tinha aberto um bar noturno no Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana. De repente, eu estava sozinho morando com a minha mãe e o seu marido. Então, meu padrasto me convenceu a ir para o Brasil para ajudar o seu filho, e lá eu deveria permanecer um ano e voltaria para a Itália. Desta forma, vim para o Brasil, mas as coisas não eram bem assim, pois o filho de meu padrasto não era como eu imaginava e não precisava de minha ajuda. De fato que, tudo não passou de um acordo entre ele e seu pai para eu sair de casa, pois tinha me tornado um peso. Ele também não estava a fim de se responsabilizar por mim, e então tive de me virar sozinho encontrando trabalho em um restaurante como « Commis de service » (ajudante) de doze garçons. Passado seis meses, encontrei o filho do meu padrasto em uma Rua de Copacabana. Ele me perguntou como estava. Disse-lhe que estava muito bem, trabalhando e morando num quatinho de empregada em uma casa de família, e que logo, economizando, devolveria o dinheiro que tinha gasto para pagar a minha passagem. Ele me respondeu que afinal eu estava tranquilo porque eu sabia que se me acontecesse alguma coisa, ele, como responsável de minha vinda ao Brasil, deveria resolver. Para não criar-lhe nenhum tipo de responsabilidade, fiz a minha mala e me mudei para a cidade de São Paulo*

*sem conhecer ninguém e sem falar o idioma Português, mas aí a estória é outra, além de que há muitas coisas para contar. Enfim, esse foi o motivo pelo qual vim para o Brasil...*

**Guy Sahri: Em que ano você voltar para a Itália?**

**Aldo Lubes:**

*Em 1972, depois de 14 anos, voltei à Itália... O marido de minha mãe tinha falecido e minha irmã me escreveu que somente o meu retorno poderia fazer com que ela se recuperasse da decepção do matrimônio e da perda do marido. No testamento lhe deixou como usufruto o pequeno apartamento que tinham adquirido com a herança que minha mãe tinha recebido na morte da mãe dela – minha avô – e na morte dela seria dividido com os filhos dele. Isso deixou minha mãe transtornada e decepcionada. Fiquei três meses na Itália morando com a minha mãe e quando vi que ela tinha se recuperado retornei para o Brasil. Na Itália não tinha mais espaço para mim... Encontrei alguns amigos, mas todos já estavam estabelecidos e outros tinham se mudado. A rua onde tinha passado a minha infância brincando com os meus amigos tinha mudado.*

*Haviam asfaltado, pois antes era de pedra polida e também havia prédios que não existiam na época. O choque foi muito grande visto que eu não havia acompanhado estas mudanças, e nas minhas lembranças tudo era imutável. Quando vi aquilo a decepção foi muito grande!! No Brasil eu já tinha construído alguma coisa, como o Dojô que abri em 1965, e que tinha deixado arrendado, filhos e muitos amigos que tinha feito através do Judô e Karatê...*

**« Um fator positivo... »**

**Guy Sahri: As Artes Marciais lhe ajudaram em superar as dificuldades?**

**Aldo Lubes:**

*Sim! As artes marciais me ajudaram muito e, como eu te disse anteriormente, as dificuldades nunca foram problemas para mim, mas somente desafios que eu tinha que superar. Afinal, só podia contar comigo mesmo. Ao retornar ao Brasil me dediquei aos estudos e conclui o curso de Educação Física. As minhas participações nos campeonatos foi um fator positivo que me fortaleceu, além de que, aprendi a me conhecer melhor, mantendo mais serenidade, tendo paciência nas derrotas e humildade nas vitórias. A relatividade das derrotas e vitórias me manteve sempre lúcido, coerente e inteiro!*

**« Meu primeiro Dan de faixa preta... »**

**Guy Sahri: Como foi em 1964 seu relacionamento com Sr. Minoru Kamada 7º Dan de Judô, 3º Dan de Karatê, Kendô e Aïkidô?**

**Aldo Lubes:**

*(Sorrindo) Quando era garoto sempre tive muita disposição para as lutas. Meu tio « zio Michele », irmão da minha mãe, era sócio do Partido Comunista Italiano, que tinha um centro esportivo! Ele me levava para participar dos treinamentos de boxe e da luta japonesa, que assim se chamava naquela época. Eu devia ter mais ou menos de 13 para 14 anos. Quando cheguei ao Brasil, não encontrei nenhum centro esportivo público, só havia clubes sociais e para ser sócio tinha que ter uma renda considerável além de que devia ser indicado por outro sócio. Nessa época eu estava morando em São Paulo e trabalhava em um restaurante italiano como « Garçon ». Um colega de trabalho me levou em uma academia de Judô, me matriculei e continuei os treinamentos nesta arte.*

*Em 1960 vim para Curitiba como gerente de um restaurante italiano. Queria continuar com os meus treinamentos de Judô. Então conheci o Sr. Minoru Kamada, 7º Dan de Judô do Instituto Kōdōkan de Tokyo. Além do Judô, o Sensei conhecia várias outras artes marciais japonesas. Sr. Minoru Kamada havia chegado ao Brasil mais ou menos no mesmo período em que eu e tinha muita dificuldade com o*

português. Eu, no entanto, tinha um pouco menos por tratar-se de uma língua latina, mas assim mesmo não conseguia me expressar corretamente... (Risos).

O Dojô de Sensei Minoru Kamada era freqüentado por muitos alunos de origem japonesa e me parecia haver certa disposição por parte deles em lutar comigo, como se eles quisessem ver se eu agüentava as surras que me davam para que eu desistisse de treinar, pois todos eram veteranos e graduados faixas pretas do nidan ao sandan. Quando o Sr. Minoru Kamada foi contratado para ministrar aulas neste Dojô eles já eram os Instrutores. Isso foi muito bom para mim, afinal, não seria por causa de algumas quedas que eu iria desistir. Pelo contrário, aquilo era como um desafio e me fortalecia cada vez mais...

Sr. Minoru Kamada simpatizou comigo pelo meu empenho. Talvez tenha sido também por ser novo no Brasil e por termos passado, e ainda passávamos pelas mesmas dificuldades de adaptação!! Como meus horários no restaurante não condiziam com os horários noturnos do Dojô, eu ia de tarde e encontrava o Sensei muitas vezes sozinho. Ele ficava me explicando a divisão do Judô até o « Atemi-Waza » e me dizia que nesta técnica deveria aprender um pouco de Karatê... Se eu me lembro bem, um sábado à tarde, dia que encontrava todos os Judocas veteranos, o meu Judô funcionou. As centenas de « Uchikomi » que tinha feito sob a orientação do Sensei deram resultado. E assim, convivemos junto por quatro anos, melhorando o nosso português e nos entendendo melhor...

O Sensei tinha servido como oficial na 2ª Guerra Mundial, precisamente na Manchúria. Em uma conversa de Bar eu lhe disse que não tinha conhecido meu pai, pois tinha morrido em um bombardeiro aéreo sobre a cidade de Torino, mas se o tivesse conhecido gostaria que fosse como ele!!

Finalmente, em 1964 ia acontecer as Olimpíadas de Tokyo e o Judô se apresentaria como esporte Olímpico. Então, Sr. Minoru Kamada resolveu voltar para o Japão para ver o Judô nos Jogos e também porque as coisas não estavam muito bem financeiramente para ele aqui, além de que, tinha saudades da família. No último dia de treino, ao terminar a aula, Sr. Minoru Kamada, após a saudação tradicional, pediu a todos os alunos que aguardassem em « Zarei » e foi trocar de roupa.

Ao retornar, veio com o seu kimono (Judogui) dobrado e disse alguma coisa em japonês para os meus colegas nisseis que anuíram com a cabeça e emitiram vários « Hai... Hai... Hai... » que significava « Sim » em japonês. Então me chamou e me deu o seu kimono. Fiquei surpreso e comovido e ao mesmo tempo orgulhoso, mais de que quando tinha conquistado o meu primeiro Dan de faixa preta!!

Depois com a partida do Sensei o Dojô fechou e ficamos sem lugar para treinar. O kimono que eu tinha recebido estava pendurado no armário... Quando olhava para ele, parecia que era o Sensei me olhando e me incitando a usá-lo. Até que tomei a decisão de abrir um Dojô e convidei dois « Sempai » para serem os professores, pois a minha graduação era muito pequena, 1º Dan. Eles eram 3º Dan e tinham sido alunos do Sr. Minoru Kamada. Em junho de 1965 inauguramos o Dojô Kōdōkan em homenagem ao Sr. Minoru Kamada. O kimono que me foi dado pelo Sensei usei por muitos anos, mas, quando cheguei ao 4º Dan não tinha mais condições de ser usado de tantos remendos feitos nos rasgos que aconteciam nos treinamentos e nas competições. Então, como você pode ver eu o encostei e hoje se encontra pendurado na sala do meu Dojô, uma relíquia viva da presença do Sr. Minoru Kamada...

### **« Uma atitude de respeito... »**

**Guy Sahri: E Sr. Juichi Sagara, seu professor por quase 20 anos, o que ele mais marcou no Senhor?**

**Aldo Lubes:**

(Sorrindo)... Um mês após ter aberto o Dojô Kōdōkan conheci um Homen que vinha de São Paulo e estava cursando medicina na Universidade Federal do Paraná. Ele era faixa marrom de Karatê Shotokan e tinha sido aluno de um professor japonês que ficou aqui no Brasil por algum tempo.

*Depois foi para a Inglaterra. O nome dele era Mitsusuke Harada, aluno de Sr. Hiroshi Noguchi. Assim, abrimos uma seção de Karatê no Dojô, orientada pelo Sr. Celso Charuri, era este o nome do faixa marrom. O meu interesse principal era aperfeiçoar as técnicas de « Atemi-Waza » do Judô. Celso Charuri era muito bom, mas, por ser faixa marrom, não podia graduar ninguém, o que para mim não tinha importância. O treinamento do Kihon era muito duro e extenuante. Por quatro anos fiquei treinando com o Celso Charuri e sempre usando a faixa branca, até que o Celso Charuri concluiu o curso de medicina e retornou para São Paulo.*

*Em um Campeonato de Judô, realizado em Curitiba em 1969, em que eu participei como « civil contra as forças armadas », conheci o Sr. Juichi Sagara. Ele tinha vindo neste campeonato para fazer uma demonstração de Karatê, juntamente com a Equipe dele. Após o campeonato lhe pedi para ser seu aluno. Visto isso, me fez fazer uma prova com a sua Equipe, a qual ficou satisfeita. Fui aprovado da faixa branca para faixa marrom.*

*Em 1970, fui a São Paulo para assistir o 1º Campeonato Paulista de Karatê, a categoria era Open « Ippon Shobu ». Eu tinha ido para assistir, pois nos sabia o Regulamento. Um dos assistentes do Sr. Juichi Sagara me desafiou, dizendo que se eu era faixa marrom, deveria participar... Então, deram-me um kimono. Olhando as primeiras lutas, percebi que os Arbitros, todos japoneses, eram muito condescendentes com as faltas cometidas pelos atletas!! Não se usava nenhuma proteção e o toque de mão ou de pé não era moderado, pelo contrário... Hoje em dia, com o Regulamento da World Karate Federation – WKF, todos os atletas daquele evento e eu incluso, e também de todos os outros campeonatos que participei, seríamos desclassificados. O Regulamento que usavam era da antiga International Association Karate Federation – IAKF que era integrado somente por professores do estilo Shotokan. Eu dancei conforme a música... (Sorindo).*

*Naquele dia, fui Vice-Campeão em Kunitê e Katá. Sr. Juichi Sagara ficou satisfeito, pois tinha participado pelo seu Dojô. Desta forma, começou a minha caminhada no Karatê.*

*A cada quinze dias ia a São Paulo. Viajando de noite e chegando de manhã. Curitiba ↔ São Paulo, mais ou menos 400 km!! Treinava o dia inteiro. Levava comigo dois Kimonos, pois suava demais e precisava trocá-lo...*

*A noite, exausto e com os Kimonos ensopados de suor, voltava à Curitiba. O meu relacionamento com o Sr. Juichi Sagara era muito bom. Ele era uma pessoa compreensiva e sempre me acolheu na sua casa, tratando-me como um hóspede. O nosso relacionamento se prolongou por quase 20 anos. Depois, as minhas atividades administrativas me obrigaram a me afastar da convivência com ele, pois tinham me convidado para ser o Diretor Técnico Nacional da Confederação Brasileira de Karatê – CBK e para que não houvesse comentários de preferência devido a rivalidade que havia entre os estilos de Karatê. Parei de ir treinar no seu Dojô e a nossa amizade esfriou um pouco, mas sempre mantivemos uma atitude de respeito um com o outro...*

### **« Uma escola de Karatê semelhante... »**

**Guy Sahri: O Senhor foi Diretor Técnico Nacional da Confederação Brasileira de Karatê – CBK durante muitos anos. Quando ocupava este posto, qual foi sua maior preocupação em relação ao Karatê do Brasil?**

**Aldo Lubes:**

*Aqui no Brasil, por causa da grande imigração japonesa, o intercâmbio cultural e técnico do Karatê ocorreu graças a intervenção da ligação dos emigrantes praticantes de Karatê com o seu país de origem, isso aconteceu com todos os estilos aqui praticados. No passado houve um grande vai e vem de professores japoneses de vários estilos vir ao Brasil ministrar cursos de Karatê. Eu, por ser doutrinado dentro do estilo Shotokan, só participava dos cursos ministrados por professores desse estilo, tais como: Masatoshi Nakayama, Hirokazu Kanazawa, Tetsuhiko Assai, Teruyuki Okazaki,*

*Mikio Yahara, Yoshiharu Osaka, Masaaki Yokomichi e tantos outros, cursos muito válidos na ótica do Karatê tradicional. Mas a minha visão ampliou quando fui para a Itália e tive a oportunidade de treinar, como visitante, no Dojô do Sr. Hiroshi Shirai em Milão e Turim que freqüentava sempre que ia para a Itália, cujo nome era « Doju-kay », onde tive a oportunidade de conhecer atletas de Karatê muito bons...*

*Sempre que tinha possibilidades voltava à Itália para rever meus familiares e levava comigo o kimono para treinar. Isso acontecia mais ou menos a cada 4 anos.*

*No Dojô « Doju-kay » os professores que eu encontrava eram sempre diferentes, mas todos com uma bagagem técnica muito boa e similar. Lembro os nomes dos instrutores da « Doju-kay », professores como Sr. Fassoni que ouvi dizer, mas não tenho certeza, faleceu em um acidente automobilístico. Srs. Nieddu e Zava, que na época fizeram parte da seleção Italiana. Recordo que o último treino foi com os professores, Napolitano e Rizzoli. Tais treinamentos foram bom suporte para a minha aprendizagem do Karatê. Todos com uma escola de karatê semelhante, mas com o estilo pessoal distinto, o que não ocorre aqui no Brasil, em que predomina o talento pessoal... e não há uma escola comum a todos.*

*A vinda ao Brasil para ministrar cursos de Karatê do Sr. Antonio Oliva Ceba da Federación Española de Karate – FEK e e do Sr. Rafael Ortega da Fédération Française de Karaté et Disciplines Associées – FFKDA, deu uma clareada sobre a visão do Karatê Esportivo Internacional!! Mas isto foi muito pouco, e não se deu o devido valor aos cursos ministrados, especialmente pelos atletas, que já tinham participado de eventos internacionais, dizendo que o que tinha sido ministrado era já do conhecimento deles. Não entenderam que os Sr. Antonio Oliva Ceba e Sr. Rafael Ortega só indicaram o caminho e que nos tínhamos que fazer este caminho trilhando-o...*

*Os cursos tiveram um desenvolvimento bom no início, mas depois, retornou-se a seguir a escola dos sucessos individuais locais, que não é uma escola de Karatê padrão. Essa é a minha opinião!!*

### **« Nós tínhamos de escolher um ou outro... »**

*Em 1983 estive aqui no Brasil o Sr. Masatomo Takagi, que era o Secretário Geral da antigo World Union Karate Federation – WUKO. Ainda não existia a Confederação Brasileira de Karatê – CBK. O Karatê era um Departamento da Confederação Brasileira de Pugilismo – CBP sob a Presidência do Sr. Armando Vasconcelos, que por ser a mais antiga Confederação de lutas do Brasil reunia todas as Artes de lutas e todas deviam se afiliar a ela até conseguirem a emancipação se assim o quisessem e que aconteceu com o Karatê em 1987. O Sr. Masatomo Takagi, era grande professor e foi aluno do Mestre Gichin Funakoshi, o fundador do Karatê moderno. Também era professor do Sr. Hidetaka Nishiyama e Sr. Masatoshi Nakayama, expoentes do Karatê mundial.*

*A Confederação de Pugilismo – CBP marcou uma reunião em São Paulo com todos os professores representantes dos estilos de Karatê praticados aqui no Brasil e com os dirigentes das Federações a ela filiadas. Eu estava presente como Presidente da Federação Paranaense de Karatê – FPRK. O Sr. Masatomo Takagi pediu que o Brasil se desfilasse da International Association Karate Federation – IAKF e fizesse a sua filiação a World Union Karate Federation – WUKO para dar força ao trabalho de uma organização que fundaria a Federação Mundial sendo que o Brasil participaria de Campeonatos Internacionais por ela organizados. Isto fortaleceria o pedido feito ao Comitê Olímpico Internacional – COI de participar como esporte Olímpico. Lembro que perguntei se nós podíamos estar filados com as duas organizações. Ele foi categórico dizendo que tanto Sr. Hidetaka Nishiyama e Sr. Masatoshi Nakayama eram contrários ao ingresso do karatê como esporte olímpico e nós tínhamos de escolher um ou outro. A maioria escolheu a antiga World Union Karate Federation – WUKO atualmente nominada World Karate Federation – WKF. Assim ocorreu o desligamento da International*

*Association Karate Federation – IAKF... O Brasil começou a participar nos Campeonatos Internacionais organizados pela antiga World Union Karate Federation – WUKO.*

### **« Foi uma boa lição... »**

*Depois, em 1982 eu voltei para a Itália, conhecendo as dificuldades do Karatê fora do Brasil. Em 1986 fui ao Rio de Janeiro onde se encontrava a sede da Confederação de Pugilismo – CBP. Pedi para realizar o Campeonato Brasileiro de Karatê e um Torneio Nacional em homenagem a um grande professor do estado da Bahia, falecido prematuramente em um acidente automobilístico, Sr. Denílson Caribe de Castro e utilizando o novo Regulamento que era agora « Shobu-Sanbon ».*

*O Torneio era aberto e participou um número muito grande de atletas vindo de todas as partes do Brasil. Os atletas foram divididos em três categorias e isto serviu também como seletiva para os atletas brasileiros participarem do Campeonato Mundial que se realizaria na Austrália. Naquele dia, 15 de agosto de 1986, Curitiba foi a capital do Karatê Nacional, utilizando o novo Regulamento de Arbitragem...*

*Na época não percebia isso, também porque o meu interesse era o esporte e o Karatê. Lembro que naquele dia os representantes do estilo Wadô-Ryu queriam que o filho do fundador Mestre Hinori Otsuka, que estava no Brasil para dar Cursos, pudesse se apresentar e dar uma demonstração de Karatê Wadô-Ryu. Senhor Edgar Ferraz de Oliveira que foi, então, Presidente da Confederação Brasileira de Karatê – CBK considerando que estamos a trabalhar para a União de Karate e não para a prova de um estilo único em um Campeonato Nacional, não deixe passar este evento. Com a realização deste campeonato e o seu sucesso começaram as articulações para fundar a Confederação Brasileira de Karatê – CBK...*

### **« Eu fazia parte da Diretoria... »**

*Dia 11 Setembro de 1987 se fundou a 1ª Diretoria Provisória da Confederação Brasileira de Karatê – CBK e que deveria trabalhar para a fundação definitiva da entidade. Eu fazia parte da Diretoria provisória como Tesoureiro e o Sr. Fauzi Abdala João como Presidente. Quando da eleição definitiva, concorreu o Sr. Fauzi Abdala João e o Sr. Marcelo Guimarães Arantes – um médico de Belo-Horizonte do Estado do Minas Gerais praticante de Karatê Goju-Ryu – foi aberta a votação. O Sr. Marcelo Guimarães Arantes ganhou com a diferença de um voto. Fui o último a votar.*

*Passado quatro anos e esgotado o mandato do Sr. Marcelo Guimarães Arantes, primeiro Presidente da Confederação Brasileira de Karatê – CBK. Houve uma nova eleição, em que o Sr. Edgar Ferraz de Oliveira da Bahia e o Sr. Fauzi Abdala João, também da Bahia eram candidatos. Pela insistência de um ex-dirigente da Federação Paulista de Karatê – FPK, aceitei em fazer chapa com os dois no cargo de Diretor Técnico Nacional.*

*Posteriormente, a Federação Bahiana de Karatê – FBK, da qual foi o fundador, como homenagem, o graduaram com o 8º Dan de karatê. Por causa das insistências dos meus amigos que diziam que a minha presença seria um ponto de equilíbrio na balança, acabei aceitando em trabalhar com os dois. A dupla Edgar Ferraz de Oliveira e Fauzi Abdala João foi eleita e eu os acompanhei como Diretor Técnico Nacional...*

*A seguir...*